

A odisseia contemporânea do feminino negro em Doramar ou a odisseia, de Itamar Vieira Junior

The contemporary odyssey of the black female in Doramar ou a odisseia, by Itamar Vieira Junior

Gabriela Rodrigues Santana dos Santos¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise do conto *Doramar ou a odisseia* (2021), de autoria de Itamar Vieira Junior. A partir desse *corpus*, a finalidade deste estudo é realizar uma investigação sobre o estatuto da personagem principal da referida narrativa, que performa o locus social da mulher-negra-periférica contemporânea. Diante disso, verificamos, tal como em outras obras do autor, o seu empenho literário/político em (re)produzir representações contestatórias e críticas acerca do feminino negro.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the short story *Doramar ou a odisseia* (2021), written by Itamar Vieira Junior. Based on this *corpus*, this study aims at investigating the power of construction of the main character in this narrative that performs the social locus of the contemporary peripheral-black-woman. In view of this, as in the author's other works, we can verify his literary/political effort in (re)producing challenging and critical representations about the black female. PALAVRAS-CHAVE: Literaturas de língua portuguesa; Estudo comparado; Romance; Jornalismo Literário.

KEYWORDS: Portuguese language literatures; Comparative analysis; Novel; Literary journalism.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, *campus* de Tangará da Serra. Contato: gabriela.santos1@unemat.br

1 Novas odisseias

Itamar Vieira Junior, após sua estreia na cena literária brasileira com o romance *Torto Arado* (2019), lançou em 2021 a antologia de contos intitulada *Doramar ou a odisseia: Histórias*, composta por doze narrativas, dentre elas, algumas outrora publicadas, além de textos inéditos. Ao nos depararmos com o título do décimo conto dessa obra, a saber, “Doramar ou a odisseia”, é inevitável a suposição de um diálogo com o poema homérico *Odisseia*, ou até mesmo o emprego de intertextualidade em sua composição. Tal hipótese surge antes da leitura efetiva do conto, o qual apresenta, já em seu título, um enunciado que sugere, por meio do emprego da conjunção alternativa “ou”, uma alternância entre o nome da protagonista (Doramar) e o substantivo “odisseia” (definido pelo uso do artigo “a”, particularizando o nome).

Como consequência, a fim de averiguar a pressuposição acima e, neste sentido, empreender uma análise do conto, faz-se necessário discorrer, ainda que brevemente, sobre alguns aspectos da *Odisseia*. Tal obra, atribuída ao poeta Homero (que viveu na Grécia, provavelmente no século VII a.C.), apresenta as aventuras de Odisseu (ou Ulisses, para os romanos), após o fim da Guerra de Troia, na tentativa de retornar para casa. Em tal poema, há mais do que a história de um herói que protagoniza uma extraordinária viagem de regresso ao lar, há na verdade uma narrativa que revela aspectos próprios do humano da/na Antiguidade ocidental, conforme afirmação:

Odisseu é a figura central por meio da qual o poema de Homero explora as flutuações entre justo e injusto, glorioso e inglório, manifesto e desaparecido, dando uma dimensão mais profunda a um esquema que, na aparência, está reduzido a simples polarizações. É a instabilidade das situações vividas pelo protagonista no estabelecimento de sua identidade [...] (MALTA, 2018, p. 21).

Odisseu sobrevive à guerra e retorna para casa. Nesse percurso, passa por várias experiências e dificuldades, o que confere ao texto seu caráter épico; ao final, ao regressar para Ítaca e derrotar os pretendentes de Penélope, alcança a glória (a recompensa do herói). Para além disso, verificamos que:

Homero fala de tudo o que é humano; inclui na vida humana os deuses, que têm feição nossa, mas também o lado infra-humano e até animal da nossa vida. As fadigas físicas, a comida, o amor nas suas expressões físicas, tudo entra em Homero, e as palavras mais grandiloquentes sobre deuses e heróis dariam só um contraste desagradável com a realidade da vida descrita, se não fosse aquela quarta qualidade do estilo homérico: tudo parece dignificado, nobre, e não pela escolha de eufemismos, mas pelo emprego de adjetivos e comparações estereotipados (CARPEAUX, 2008, p. 47).

Tendo em vista que a *Odisseia* é um dos textos fundantes da literatura ocidental, cogitar a presença de intertextualidade no conto “Doramar ou a odisseia” é justificável, uma vez que “boa parte da ficção e da poesia atual está encharcada de referências à ficção e à poesia anteriores, na forma de citação, alusão, pastiche ou paródia” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 95). Entretanto, a hipótese aventada foi logo descartada após uma leitura dirigida/analítica da obra, haja vista que se verificou a ausência de um discurso direto. De todo modo, identificamos uma alusão temática, pois o conto discorre sobre uma “viagem” tal qual o poema homérico, apresentando uma alegoria que busca revelar a condição humana de um sujeito específico que representa outrem.

Isto posto, investigamos, na próxima seção, o modo como Itamar Vieira Junior explora a ideia da odisseia, ao unir as perspectivas da tradição literária e do senso comum, a fim de construir uma narrativa com um universo simbólico no qual o retorno de uma mulher negra para casa, de ônibus, torne-se “um retorno a Homero”, tanto nas encruzilhadas sociais quanto simbólicas. Tal alegoria, além de atualizar o cânone, projeta a história de Doramar para o campo do “grandioso”, rompendo com a invisibilidade do grupo social por ela representado.

2 *Doramar*: uma odisseia pela condição do sujeito “mulher-negra-periférica”

O conto “Doramar ou a odisseia”, ao fazer referência – conceito entendido como o processo que “[...] não expõe o texto citado, mas a este remete por um título, um nome de autor, de personagem ou a exposição de uma situação específica” (SAMOYAUULT, 2008, p. 50) – ao texto épico *Odisseia*, de Homero, apresenta a construção narrativa de uma odisseia contemporânea a partir da representação da condição da mulher negra na sociedade brasileira. Tal condição é atravessada por múltiplas violências, visto que há a necessidade de se revelar as sequelas de uma sociedade escravista, com uma dívida histórica para com a população negra, distanciando-se, assim, da imagem de uma condição humana heroica marcada por perigos mágicos/fantásticos, na qual o mundo dos deuses controla os destinos/caminhos dos humanos.

“Doramar ou a odisseia” retrata a viagem de Doramar. Não uma viagem por mundos/ilhas com seres maravilhosos, mas uma “viagem às profundezas do dia” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 112), a qual se inicia com a protagonista do conto saindo do

prédio em que trabalhava como empregada doméstica. Nesse percurso, depara-se com um cachorro encolhido, moribundo e fedido; por meio desse encontro, Doramar descobre “a vida não programada” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 112). Identificamos, então, que ela passa por uma experiência epifânica, termo este que provém do vocabulário teológico *epipháneia*, que indica “manifestação, aparição”. A protagonista, ao entrar em contato com esse outro ser, tem uma revelação: “Entre o cão e a morte, entre Doramar e a cidade, preferiu partir, sem lembranças, com a imagem do animal que a lançou para um encontro consigo mesma” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 113). A partir desse acontecimento, institui-se um processo de abertura para o universo de Doramar, para seu íntimo.

O conto apresenta duas vozes narrativas, quais sejam: inicialmente, há um narrador onisciente, que relata a viagem de retorno de Doramar para casa (e para si); na segunda parte do texto, a protagonista assume a narração, manifestando-se consciente de si e de sua condição. Podemos afirmar que há, então, nesse projeto narrativo, uma mudança de perspectiva na qual a personagem passa por um rompimento de seu silenciamento.

O primeiro narrador focaliza seu narrar no interior da personagem, por meio de um fluxo de ideias que permite ter uma visão de dentro do mundo de Doramar, uma mulher negra, com um “corpo jovem” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 112). Assim, a narrativa inicia-se mostrando que a rotina da protagonista foi “quebrada”, a princípio, pelo odor que ela sentiu antes mesmo de sair do prédio; depois, por encontrar aquele cão, que a fez sentir nojo, pena e medo. Doramar é, então, atravessada por uma epifania, mas segue para a cidade, refletindo sobre o que faria; contudo, a única conclusão a que chegou foi que deveria sair para esquecer, após lhe cair uma lágrima. Paul Ricoeur (2007, p. 425), ao tratar do conceito de

esquecimento, assinala que este envolve uma “[...] problemática de presença, de ausência e de distância [...]”. Logo, o esquecimento está vinculado à memória. Doramar, entre seu movimento de rememorar e esquecer, afasta-se da presença do cão, toma distância a fim de provocar uma ausência forçada.

É no decorrer da narração que conhecemos a vida de Doramar, uma trabalhadora doméstica. Seu papel social no âmbito do regime narrativo envolve limpar, passar, cozinhar e lavar; mais do que isso, tais funções transformam sua ocupação em sua condição de vida, marcada por “seu trabalho de servir a uma família [...]” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 113).

Ao anoitecer, em meio à cidade, ela começa a recordar de sua infância: “mas a cidade transformada a lançava nos descaminhos, no regresso, ao encontro de dona Santa no fundo de sua memória” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 114). Nessa passagem, a memória de Doramar é evocada e então ela começa a revisitar a casa em que vivia “sem eira nem beira” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 114), a rua em que brincava e o modo de vida nesse tempo e lugar. Poeticamente, seu deslocar e relembrar vão se entrelaçando ao longo da narrativa, deixando a protagonista perdida, desorientada: “Abriu os olhos, a memória vinha difusa, se dissipava, para onde ia Doramar? Para onde iam seus pensamentos?” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 115). A configuração narratológica apresenta um fluxo não linear de pensamentos e imagens, essa mescla resulta em uma viagem simultânea entre o externo e o interno, entre o presente e o passado.

Doramar, após se lembrar do assalto que sofrera – o que sinaliza a falta de segurança que vivencia diariamente em seu retorno para casa –, fica apreensiva e desce do ônibus para voltar para o edifício, em busca do cão. No entanto, em seguida, recua, supondo que o animal já estivesse morto; tal pensamento a fez sentir

medo da morte, por desconhecê-la. A protagonista segue a sua odisseia, vai (re)encontrando pelo caminho tudo aquilo com que tinha contato todos os dias, mas, desta vez, consegue reconhecer/viver a profundidade desse percurso e, também, de sua própria existência.

Para além da referência à *Odisseia*, o conto ora analisado estabelece uma relação com a produção clariceana, bem como com a tradição literária brasileira no que diz respeito aos contos. A presença de Clarice Lispector se dá pelo evento epifânico supracitado, elemento característico das obras desta autora. Especificamente, por um intertexto em que Itamar cita diretamente um comentário da autora (o qual será posteriormente abordado nesta análise) e pela inversão de perspectiva ao tomar como referência a recorrência da figura da empregada doméstica em textos clariceana, nos quais as donas de casa, mulheres brancas e de classe média, experienciam movimentos de alteridade quando em contato com suas empregadas (ou espaços relacionados a elas), no entanto, limitados pelos atravessamentos sociais, raciais e econômicos que as distanciam e que inserem as personagens de Lispector em lugares sociais de privilégio.

É desse lugar social que a autora retira o material para a composição de sua ficção. Mesmo movida pela busca do “Outro”, sua narrativa é demarcada por personagens que ocupam posições de superioridade e poder, aspecto este que pode ser identificado na crônica intitulada “A mineira calada”. Neste texto, a voz narrativa relata que ficou surpresa quando sua empregada lhe pediu um de seus livros emprestado, ao que ela (a patroa) negou, justificando que a Ana (a empregada) não iria gostar em razão da complexidade de seus textos. Mas a empregada rebateu afirmando: “Gosto de coisas complicadas. Não gosto de água com açúcar” (LISPECTOR, 1999, p. 48).

A figura da empregada também se encontra presente no romance *A Paixão Segundo G.H.* (1964), pelo espaço “quarto da empregada”, cômodo este que a protagonista, uma mulher branca e de classe média, achou que estava imundo, após ter demitido sua funcionária, mas descobre que estava enganada. Vale mencionar também as crônicas “Doçuras de Deus” e “Por detrás da devoção”, nas quais, novamente, a mulher branca de classe média entra em contato com esse “Outro” que está localizado em uma classe social diferente, inferior na ordem social.

Em *Lispector*, é marcante a imagem da mulher branca, de classe média, esposa, mãe, que, por meio de uma experiência epifânica, em meio a sua rotina (processo de interrupção da normalidade), vai de/ao encontro a/de si; para além disso, por vezes, estabelece contato profundo com a alteridade de classe social. Já em Itamar Vieira Junior, evidentemente, leitor de *Lispector*, há uma inversão de perspectiva, já que ele recupera a tradição literária brasileira das narrativas curtas, com personagens defrontadas em seu cotidiano com manifestações, mas sob o ângulo do subalterno.

Schøllhammer (2009, p. 53), ao discutir as influências do Realismo na produção literária vigente, aponta que há uma relação no que diz respeito ao fato de os novos escritores apresentarem “[...] vontade ou o projeto explícito de retratar a realidade atual da sociedade brasileira, frequentemente pelos pontos de vista marginais ou periféricos”. Sob esse viés, a construção da personagem Doramar difere das empregadas clariceanas, pois estas são sempre o “Outro” da patroa.

Já em “Doramar ou a odisseia”, é a empregada quem conduz a narrativa, é o seu voltar para casa, é o seu relembrar, é a sua vida e a sua história que estão em destaque. Outrossim, é desvelado o viver de uma mulher negra enquanto sujeito que revive sua trajetória marcada pela pobreza, pela precariedade e pelas violências

às quais pessoas como ela são submetidas diariamente. Enquanto a patroa se volta para sua própria existência, marcada pelo vazio de uma vida abonada e sem sentido, a empregada se volta para uma vida repleta de dor e sofrimento, mas também de resistência.

O episódio epifânico em “Doramar ou a odisseia” lança a protagonista em um movimento de reconhecimento de si, de sua subjetividade, que se configura permeada por questões sociais, pelo “outro” que a entende como um ser que só “deve servir”, a quem pedem, ordenam, um ser para limpar: “Para os moradores da cidade alta, ela era a mulher que servia para limpar os vasos e preparar o jantar” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 117). Logo, há o confronto com o “outro” também, ou seja, com a patroa, com a família que a considera “como se fosse da família”, e não como uma mulher negra explorada e subalternizada por eles; e com o espaço do centro urbano dividido entre a cidade alta – onde Doramar trabalha – e a cidade baixa – onde ela mora.

Assim, faz-se presente no conto a perspectivação de uma mulher negra e sua relação com o espaço urbano contemporâneo. Dalcastagnè (2014, p. 290), ao refletir sobre a relação entre negro e cidade na literatura, aponta que: “Nossa poesia, nossos contos e romances não trazem modelos suficientemente ricos que possam servir de inspiração aos escritores – afinal, nunca coube aos negros o papel de protagonistas dessa história”. Itamar Vieira Junior parece estar ciente disso, ao estabelecer no conto ora analisado tal relação ausente em nossa tradição literária. Por conseguinte, por meio do ponto de vista de Doramar, nos é dado a conhecer dois mundos distintos em uma mesma cidade, separados pela segregação geográfica, racial e social. Algo que se torna crucial, visto que “É preciso um esforço considerável para se encontrar, em meio a uma literatura tão marcadamente de classe média, branca

e masculina como a brasileira, uma construção diferente sobre a experiência urbana contemporânea” (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 289).

O narrador apresenta a subjetividade de Doramar por meio dos pensamentos confusos causados pelo cão moribundo:

Ficava com as luzes dos postes para guiá-la, então, a um destino não escolhido. Levantou-se e subiu em mais um coletivo, tentando seguir seu próprio caminho. Mais uma vez Doramar seguia, segurando-se às barras do ônibus, encaixando-se nos espaços possíveis de lotação. Doramar, outra vez, a empregada doméstica cansada de seu trabalho. Fechando os olhos de novo para tentar encontrar o que não sabia, o que havia ficado para trás (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 116).

A partir do excerto supratranscrito, percebemos que a protagonista ainda estava afetada pelo encontro com o cão, mas também cansada após um longo dia de trabalho e uma viagem circunscrita, nesse momento, ao ônibus lotado, no qual tinha de se espremer. A caminho de esperar o ônibus, ela decide não voltar; assim, segue analisando o trajeto: “Do outro lado da avenida, via a favela crescer, as casas numerosas, homens, mulheres e crianças que subiam e desciam as escadarias” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 114). Nessa parte da narrativa, inicia-se a construção de um dos espaços/cenários determinantes na história, a saber: a cidade baixa. Doramar, então, pegou o primeiro ônibus que passou, “[...] tentando encontrar a Doramar que se perdia todos os dias, esquecida em algum lugar da cidade” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 114). Uma movimentação é instaurada: a busca e a evolução da protagonista que não sabe o que fará e tampouco aonde vai.

Como já analisado anteriormente, mas ainda importante para a discussão em voga, durante a sua odisseia, Doramar realiza um percurso também por sua

memória, retornando à sua infância pobre e humilde² na casa de dona Santa, sua mãe. A narrativa é configurada pela alternância entre as recordações de Doramar e o relato daquilo que a protagonista encontra pelas ruas e no interior do ônibus; ela procura seu próprio caminho, que envolve subir todos os dias em mais de um coletivo lotado, nos quais, mesmo exausta, ela tem que viajar em pé.

Defendemos aqui que o “mar” (“elemento água” presente em algumas narrativas existentes na antologia em que o conto foi publicado), constituinte do nome da personagem (Dora + mar), neste conto, é a metáfora de imensidão, aquilo que não conseguimos medir, isto é, de grandeza imensurável, associado à profundidade de Doramar, às suas dores, ao seu sofrimento, ao seu viver. A personagem, a partir de seu *locus* social condicionado pelo racismo que lhe nega o direito a uma vida digna, que a reduz ao servir, à subalternidade, após a revelação resultante do contato com o cão moribundo, toma consciência de si e de sua vida, tal como podemos observar na seguinte passagem:

Tinha dimensão do trabalho diário, da vida e da morte nos morros da cidade. Tinha a lembrança do que era a fome, do que era pedir aos motoristas parados nas sinaleiras. [...] Para os moradores da cidade alta, ela era a mulher que servia para limpar os vasos e preparar o jantar. (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 117).

No conto, Itamar Vieira Junior realiza uma produção literária que constrói, simbolicamente, uma odisseia a partir da condição humana de uma mulher-negra-

² O que se supõe por meio do seguinte trecho: “Casa sem eira nem beira, o telhado de limo velho e o pé fino de carambola que resistia em seu quintal” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 115).

periférica na sociedade brasileira, de passado escravocrata e de presente racista e desigual, o que é apresentado juntamente aos episódios recordados e vividos pela personagem principal, especialmente as violências e opressões sofridas por sujeitos como ela – “Quantas marcas da violência viu Doramar [...]” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 118) –, produto da perversidade do racismo estrutural e estruturante do país. Sob esse viés, consideramos essencial compreender que:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 33).

Os “obstáculos” de Odisseu, em “Doramar ou a odisseia”, são opressões, desde a pobreza de sua infância, passando por sua subalternização enquanto empregada doméstica, ao servir aos senhores da cidade alta, a Casa Grande moderna. Por meio da descrição geográfica, o narrador apresenta Doramar transitando por dois mundos diferentes, como já mencionado anteriormente: a cidade baixa, onde está inserida sua casa e os seus, lugar este no qual “pessoas se amontoavam sem espaço” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 121), em que Doramar percebia a “violência cada vez mais próxima” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 118); e a cidade alta, aonde ia servir aos moradores abastados.

Um dos principais episódios do conto relata a morte de Pito, “sentenciada havia muito tempo por todos que o conheciam” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 122). Pito era um namorado de infância de Doramar, um jovem que, sem oportunidades, envolveu-se no mundo do crime e foi brutalmente assassinado pela polícia: “Do camburão, navio negreiro, foi lançado ao chão. Treze tiros, enquanto uma bala só

bastava, o resto era prepotência, era vontade de matar” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 123). Tal trecho contém um recurso intertextual em que o autor cita um comentário da autora Clarice Lispector sobre a morte de um jovem criminoso conhecido Mineirinho, que havia sido assassinado em 1960 pela polícia. A citação foi extraída de uma entrevista que a escritora concedeu em 1977 ao jornalista Júlio Lerner, pela TV Cultura; nela, Lispector denuncia a crueldade da ação policial e humaniza a vida ceifada. Como efeito da indignação diante do ocorrido, a autora escreveu uma crônica intitulada “Mineirinho”.

Verifica-se, tal como em *Torto arado* (2019), o esforço por parte do autor em desvelar a permanência da crueldade e desumanização que o escravagismo produziu em relação ao sujeito negro, em especial ao jovem negro, vítima do genocídio sistemático ocorrido na escravização – retratado em contos como “Farol das almas” e “Alma”³ –, o qual atravessou os séculos, tendo sido registrado e revelado por Lispector no século XX, e perdura até a contemporaneidade.

Ao mesmo tempo, Itamar Vieira Junior enfatiza o sofrimento da mulher negra por meio da mãe de Pito, desempregada, com o filho ora preso e, por fim, morto. Uma senhora que “recebeu um soco e caiu no chão” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 122), um golpe proveniente dos agentes estatais que deveriam protegê-la e ampará-la da violência. Treze tiros, pois o objetivo não era apenas matar, mas sim exterminar o corpo negro, fazê-lo sangrar, violentá-lo, vilipendiá-lo. Tirar-lhe a existência, a alma, assim como com Inácio, personagem do conto “Alma”.

Na segunda parte do texto, Doramar assume a narração. O conto passa então a ser conduzido por um “eu” que se mostra desorientado, em meio às atividades

³ Os quais também fazem parte da obra *Doramar ou a odisseia: Histórias*.

diárias e um fluxo intenso de pensamentos que a desloca dessa rotina, transportando-a para suas memórias. Assim, há um arranjo narrativo de ritmo conturbado, em que ação e reflexão se aproximam, mas não se misturam, provocando um efeito de confusão. A narradora declara: “Acordei muito cedo. O galo não cantou e eu estava em meu quarto de dormir, uma caixinha sem janela que chamam de quarto, quente como a brasa da fogueira” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 123-124); ao comparar seu espaço na casa de seus patrões a uma fogueira. A descrição do “quartinho de empregada” evidencia ao leitor a precariedade da condição em que Doramar vivia/trabalhava.

De repente, ela passa a escutar o barulho do mar: “[...] o mar cheio invade minha cabeça [...]” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 126). Isso a envolve, mas, rapidamente, lembra-se que precisava comprar peixe para o almoço. Em seguida, dispersa-se novamente em suas divagações e se desprende do tempo em que narra, assumindo um narrar profundamente memorialístico, mas consciente de sua realidade no presente: “[...] lá quando eu era menina éramos livres e agora eu sirvo meus patrões que não me dão descanso” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 126). O estatuto de Doramar, para a cidade alta e seus patrões, era o da servidão. A narradora, por vezes, retorna de seu estado mnemônico, então, a rotina se apresenta novamente e ela se questiona o tempo todo sobre o que está fazendo: “para que é mesmo essa sacola?” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 126). Quando sai para comprar o peixe, deixa de escutar o som do mar.

Doramar finalmente compra o peixe e começa a percorrer o caminho de retorno ao apartamento em que trabalha, mas é atravessada por imagens de pessoas de seu passado (mãe, irmãos). Sente-se cansada, desvia-se do afazer e entra em contato com suas experiências, vagueando pela rua e pelas memórias de sua

vida de sofrimento. O seu cansaço é evidente, mais do que físico, é psicológico. Ao perder completamente a lógica da rotina, é tomada por um tom melancólico ao perceber que sua existência reproduziu o padrão de servidão do passado. Mesmo assim, ela resiste, é completamente invadida por introspecção e enuncia: “Estou viva no meu silêncio” (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 127). Por meio dessa performance, desse *devoir*, Doramar defende sua existência para além das opressões impostas.

Ricoeur (2007, p. 425) aponta que a problemática da memória está na “dialética de presença e da ausência no âmago da representação do passado [...]”. Ao relembrar de sua vida, Doramar parece, por vezes, esquecer de seu presente, de suas atribuições como empregada doméstica. Paralelamente, as lembranças lhe provocam a percepção de que sua vida foi perdida por ter vivido servindo àquela família, o que a faz compreender que se esquecer de seus afazeres é estar/ser livre.

Ademais, seu narrar é marcado por um fluxo de consciência que corresponde à “[...] expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a sequência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente” (LEITE, 2002, p. 68). Neste sentido, quando Doramar enuncia, ela divaga entre seus intensos pensamentos e os ecos sutis da realidade exterior à sua consciência. Esgotada, ela busca a liberdade. Dessa forma, podemos afirmar que a imagem do cão moribundo das cenas iniciais do conto constitui uma metáfora para a morte que se prenuncia ao longo de toda a narrativa, sendo sugerida uma concretização no final. O conto é encerrado a partir do seguinte excerto:

Continuo a andar devagar. O chão vai se desfazendo em água. Meus pés amassam a lama. Meus pés marcam o caminho. Vou encontrando árvores. Vou encontrando a água. Vou encontrando o abrigo. Vou tecendo minha cama no chão de lama para descansar da vida. Para poder deitar e dormir (VIEIRA JÚNIOR, 2021, p. 128).

Encontramos, então, um desfecho caracterizado pela ambiguidade, a qual é criada por meio de efeitos imagéticos e sensoriais que projetam a narrativa para o plano do mágico, da estranheza, para a ausência do sentido “lógico”. Mais do que isso, tal arranjo possibilita que Doramar rompa com o silenciamento, com a domesticação, a partir da dissipação total das obrigações rotineiras como empregada doméstica. Ela não retorna ao trabalho, continua caminhando pela lama e tece sua cama para “descansar da vida”. Na paisagem árida e emblemática atribuída ao personagem Doramar, a odisseia, em seu retorno para casa, apresenta os desafios diários que lhe são impostos pelo racismo. Ao longo do processo, a narrativa é marcada por uma representação social que conduz o leitor a uma viagem, mais especificamente, ao complexo estado emocional da personagem, em que há uma intersecção de opressões sempre notadas no silenciamento consternador do subalterno.

3 Considerações finais

O conto “Doramar ou a odisseia”, tal como apontado, estabelece um diálogo temático com o poema *Odisseia*, de Homero, mas não apresenta um intertexto, como se supôs inicialmente. Com isso, a narrativa, por meio de dois focos narrativos – um narrador onisciente e, posteriormente, uma narradora protagonista –, desvela os percalços experienciados pela personagem Doramar em sua viagem para casa e para ela mesma, a qual representa um grupo social, a “mulher-negra-periférica”, atravessada pelas brutalidades de um Brasil contemporâneo estruturalmente racista. Há, nesse regime ficcional, a representação da mulher negra condicionada pelo trabalho doméstico, mas não reduzida a ele, configuração que não cria uma

nova figuração sobre tal tópica, mas contesta as que estão estabelecidas no âmbito da tradição literária, humanizando a imagem desse referente.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Para não ser trapa no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. Revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 44, p. 289–302, ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9994>. Acesso em: 20 de abril de 2024

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin-Companhia, 2011.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1964/2020.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MALTA, André. *A astúcia de ninguém: ser e não ser na Odisseia*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo &

Rothschild, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia*: Histórias. São Paulo: Todavia, 2021.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em 09/08/2024

Aceito em 19/12/2024